



Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo *construir*

Correlations between a constructional pattern and metaphorical and literal uses of the verb *build*

Vitor Cordeiro COSTA*

RESUMO: Este artigo apresenta os achados de um estudo exploratório sobre a correlação entre usos literais e metafóricos do verbo 'construir' e o padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], no qual o adjetivo dá diferentes indicações. Com base na Teoria da Metáfora Conceptual e na Gramática de Construções, ocorrências do item alvo no Corpus Brasileiro foram analisadas por metaforicidade e resultatividade do adjetivo no uso. Argumenta-se que os padrões de correlação podem ser analisados em relação a construções causativas e resultativas ou apenas causativas. Não se encontraram usos literais de 'construir' em que o adjetivo no padrão indique resultatividade, e esse arranjo foi considerado impossível no português brasileiro. O artigo recomenda a realização de estudos complementares sobre a relação entre construções e metáforas.

ABSTRACT: This paper presents findings of an exploratory study into the correlation between literal and metaphorical uses of the verb 'construir' (build) and the pattern [verb + (determiner) + noun + adjective], in which the adjective gives different directions. Based on the tenets of Conceptual Metaphor Theory and Construction Grammar, occurrences of the target item in the Brazilian Corpus were annotated for metaphoricity and resultativeness of the adjective in use. It is argued that the correlation patterns can be analysed in terms of causative and resultative constructions or resultatives only. Cases where the literal use of 'construir' (build) is followed by a resultative adjective were not found, and this match was judged impossible in Brazilian Portuguese. A case is made for further complementary studies into the interplay between constructions and metaphors.

* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0879-0951>. vitorccost@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Construção. Metáfora. Gramática de construções. Linguística Cognitiva.	KEYWORDS: Construction. Metaphor. Construction Grammar. Cognitive Linguistics.
---	---

1 Considerações iniciais

A Teoria da Metáfora Conceptual se assemelha a outras correntes cognitivistas na premissa de que estudar a linguagem é uma forma de estudar a mente humana. Ela postula que o sistema conceptual humano é de natureza metafórica e que diversos aspectos linguísticos e não linguísticos são metaforicamente motivados. Como fenômeno de ordem conceptual, uma única metáfora pode se instanciar ou se realizar na forma de diversas expressões linguísticas. No entanto, embora afirme que a linguagem está em contínuo com as demais capacidades cognitivas, sem postular fronteiras apriorísticas entre semântica, léxico e sintaxe, a Teoria da Metáfora Conceptual tem se dedicado pouco a explicar como as metáforas se materializam em enunciados. Suas incursões pelas formas linguísticas e multimodais têm se dado com mais ênfase no âmbito do léxico, dos gestos e das imagens, mas ainda é restrito o número de estudos sobre a roupagem gramatical das expressões metafóricas (DEIGNAN, 2012; LEDERER, 2019; SULLIVAN, 2014). Sabe-se bastante sobre como a metáfora motiva fenômenos gramaticais, mas sabe-se pouco sobre como ou, mais ceticamente, se a gramática interfere na instanciação das metáforas.

Tomando o caminho menos seguido, apresento neste artigo um estudo exploratório, descritivo, de correlações entre usos metafóricos de *construir* e as características de um padrão gramatical específico com esse verbo. A seção 2 traz uma caracterização do frame evocado por *construir* e o gradiente de metaforicidade dos seus usos. É recorrente esse verbo aparecer com o padrão contendo a sequência de classes de palavra tradicionais [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], no qual o adjetivo dá diferentes indicações. A seção 3 discute essas possibilidades com base no conceito de construção (CROFT, 2007; GOLDBERG, 1995, 2006). A seção 4 é dedicada

aos procedimentos utilizados para obter e analisar evidências empíricas dos usos de *construir* com aquele padrão gramatical no Corpus Brasileiro (SARDINHA, 2014; SARDINHA *et al.*, 2010). As seções 5 e 6 trazem uma descrição e uma discussão das correlações entre usos metafóricos do verbo e padrões construcionais. Com isso, espero contribuir indiretamente para a discussão sobre a roupagem gramatical dos enunciados metafóricos, mas deixo a proposição de modelos abrangentes para trabalhos futuros de maior fôlego.

2 Metáforas de construção

Construções e atividades construtivas são exemplares da capacidade criativa humana. Sua importância vem, sobretudo, dos efeitos positivos de satisfazer a necessidade de nos abrigarmos das intempéries, do processo físico e coletivo de fabricação predial e do valor social atribuído às edificações enquanto artefatos antrópicos. Em várias culturas, esse domínio serve para conceptualizar metaforicamente domínios alvo de criação de objetos; entidades complexas; relações sociais abstratas; situações positivas e desejáveis; e valores partilhados ou apresentados como tal (CHARTERIS-BLACK, 2004; CHILTON, 1996; COSTA, 2015; HELLÍN-GARCÍA, 2013; KÖVECSES, 2010, 2017; LU; AHRENS, 2008). Em português brasileiro, *construir* é o verbo prototípico para evocar um dos frames que integram esse domínio¹: CONSTRUIR. Esse frame consiste da ação em que o CONSTRUTOR (ser ou entidade capaz ou presumidamente capaz dessa ação) reúne MATERIAL (componentes agregáveis em diferentes arranjos pelo CONSTRUTOR) para dar origem a um CONSTRUTO (objeto ou estrutura resultante da ação do CONSTRUTOR de trabalhar o MATERIAL). O CONSTRUTO pode ainda ter BENEFICIÁRIO (ser para o qual se faz o construto),

¹ Assumo aqui o argumento de Kövecses (2017) de que as metáforas mapeiam estruturas de conhecimento em diferentes níveis taxonômicos de esquematicidade, os quais, do mais esquemático para o mais específico, seriam *esquemas imagéticos, domínios, frames e espaços mentais*.

CONSEQUÊNCIAS (estado de coisas resultante da ação), DESCRIÇÃO (características do CONSTRUTO), LUGAR (espaço onde ocorre o ato e onde irá se localizar o CONSTRUTO) e TEMPO (momento da ação construtiva)² (COSTA, 2015).

O frame atua em conceptualizações que dão origem a expressões linguísticas literais e metafóricas. Consideremos “literais” os enunciados em que *construir* remete à conceptualização de elementos e relações pertencentes ao próprio domínio de CONSTRUÇÃO e CONSTRUIR. Esses usos são exemplificados pelos trechos (1) a (4), abaixo, extraídos do Corpus Brasileiro. “[U]m complexo cultural”, “aquela casa”, “uma usina hidrelétrica” e “os passeios públicos, as calçadas” são estruturas físicas que se admitem como pertencentes ao domínio CONSTRUÇÃO e que assumem a posição de CONSTRUTO no frame, sendo realizadas pela função sintática de objeto.

(1) “A Universidade Federal do Rio de Janeiro anunciou ontem que abrirá licitação para *construir* um complexo cultural em Botafogo (zona sul do Rio)...”

(2) “Ele *construiu* aquela casa sozinho, comprando tijolo por tijolo, e viveu lá por 30 anos.”

(3) “Perto delas existe também uma cachoeira, uma queda ou algum volume de água suficiente para que se *construa* uma usina hidrelétrica para abastecê-la e, muitas vezes, para abastecer toda a região.”

(4) “Para que haja um deslocamento com qualidade, devem-se (re)*construir* os passeios públicos, as calçadas, pois muitos deles se encontram desnivelados ou são feitos com materiais escorregadios, ...”

Por sua vez, consideremos “metafóricos” os enunciados em que *construir* evoca o domínio fonte para conceptualizar relações e elementos categorizados em outros domínios. Uma metáfora já entrincheirada no português brasileiro é aquela na qual

² Os termos em versalete são etiquetas metalinguísticas de entidades conceptuais, por isso, não são flexionados e só são acompanhados de artigo quando a naturalidade do texto exige.

CONSTRUIR serve de domínio fonte para conceptualizar outras atividades que, mais esquematicamente, também são CRIAR. O mapeamento CRIAR É CONSTRUIR se materializa em enunciados como (5) a (7) abaixo, retirados do Corpus Brasileiro. Neles, *construir* evoca o domínio fonte no seu aspecto esquemático de juntar materiais e peças para formar algo³.

(5) “O genoma, um conjunto de instruções para *construir* um organismo humano, está...”

(6) “O deputado [...] *construiu* um relatório”

(7) “O sonho do homem de *construir* uma réplica perfeita de si mesmo nunca foi tão intenso como desde a invenção do computador...”

Os CONSTRUTO “um organismo humano”, “um relatório” e “uma réplica perfeita de si mesmo” são tão físicos quanto aqueles exemplificados de (1) a (4), mas pode haver casos em que a entidade construída é abstrata, como em “construir o progresso”. Porém, as ações conceptualizadas em (5) a (7) são efetivamente mais abstratas, pois o que está sendo metaforizado não é o CONSTRUTO em si, mas o processo de sua criação. Portanto, os excertos que evocam CRIAR É CONSTRUIR estão em crescente gradiência de metaforicidade em relação a outros usos metafóricos do verbo. Sintaticamente, os CONSTRUTO metafóricos também são realizados pela função de objeto, o que significa que elementos do domínio alvo da metáfora são realizados como objeto, enquanto o domínio fonte é evocado pelo verbo.

O mesmo ocorre em outras metáforas de construção, que geralmente têm conotações positivas e são usadas em diversas dimensões da vida social, de maneira

³ Existe a possibilidade teórica de interpretar esses usos não como expressões metafóricas, mas como extensões polissêmicas do verbo. Neste caso, a metáfora passaria a ser a motivação de um processo de acréscimo semântico inscrito na história do verbo, o que precisaria ser comprovado diacronicamente. Não é objetivo deste trabalho realizar esse tipo de investigação. Por ora, considere os usos em pauta como sendo metafóricos.

mais acentuada na política, onde servem de “moeda cultural e cognitiva” para gerar terrenos interpessoais compartilhados (CHILTON, 1996) nas tentativas de engajar os interlocutores em ações conjuntas (CROFT, 2010). A metáfora RELACIONAR É CONSTRUIR se assemelha à metáfora CRIAR É CONSTRUIR por conceptualizar um processo em que um elemento ou relação não existia em momento anterior à ação e passa a existir depois. No entanto, RELACIONAR É CONSTRUIR difere por seu construto ser uma relação humana ou uma entidade gregária abstrata. Esse uso é exemplificado pelas ocorrências (8) e (9), a seguir, presentes no corpus integral dos discursos de posse dos presidentes brasileiros de 1990 a 2016 (COSTA, 2015, 2017). Os CONSTRUTO “consensos” e “parcerias” podem ser categorizados como RELAÇÃO HUMANA. Assim, o estabelecimento da RELAÇÃO é dado como um processo de CONSTRUIR; por inferência a RELAÇÃO assumiria um caráter predial.

(8) “Temos de *construir* consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas.” (Lula da Silva, 2007)

(9) “Com o Programa de Investimentos em Logística, demos um passo adiante, *construímos* parcerias com o setor privado, implementando um novo modelo de concessões que acelerou a expansão ...” (Dilma Rousseff, 2015)

Outra metáfora é MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, ilustrada por (10) e (11) abaixo, igualmente retirados dos discursos de posse presidencial. Nessa metáfora, CONSTRUIR é acionado para conceptualizar o processo de uma ENTIDADE COMPLEXA adquirir característica desejável que não possuía antes da ação do CONSTRUTOR. A interpretação usual para (10) e (11) é que “sociedade” e “Brasil” são CONSTRUTO preexistentes à ação do CONSTRUTOR que adquirem as propriedades de ser “livre, justa e soberana” e “efetivamente solidário e mais justo”. A possibilidade de comparação (“mais justo”) em posição análoga reforça o argumento de CONSTRUIR ser usado para

conceptualizar uma transformação. Se fosse um CONSTRUTO ou CARACTERÍSTICA que não existia antes, ele não poderia ser “mais justo”, ele seria apenas “justo”, como se vê em (10). Observe-se que o verbo *construir* evoca o domínio fonte, e os elementos do domínio alvo (o CONSTRUTO e sua DESCRIÇÃO_FINAL) são realizados pelo objeto seguido de modificadores adjetivais. Nas expressões linguísticas da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, se o objeto for realizado por um substantivo no singular, ele será comumente precedido de artigo indefinido; se plural, a presença de artigo parece ser atípica.

(10) “A Constituição da República, nos artigos que proclamam os nossos objetivos e os nossos princípios, encerra e resume a razão de ser do Estado Nacional. Essa razão é a de *construir* uma sociedade livre, justa e soberana ...” (Itamar Franco, 1992)

(11) “Reunimos hoje as condições para *construir* um Brasil efetivamente solidário e mais justo.” (Fernando Henrique Cardoso, 1999)

Certamente, essas metáforas são apenas uma amostra da gama de mapeamentos com CONSTRUIR, mas são as mais significativas para o caso que nos ocupa no momento. Merece atenção o fato de boa parte dos usos de *construir* no português brasileiro compartilhar a mesma sequência de classes de palavra, a saber [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], em que os parênteses indicam a possibilidade de haver ou não um determinante, especialmente artigo indefinido. No lugar do adjetivo pode haver um sintagma equivalente, mas antecipo que esse uso não será explorado neste artigo. O quadro 1 reproduz partes de alguns excertos discutidos até agora, desta vez com indicação de metaforicidade, do número do exemplo e da segmentação por verbo, determinante (ou ausência dele), substantivo e adjetivo presentes no uso.

Quadro 1 – Segmentação inicial por metaforicidade e classes de palavra no uso.

metaforicidade	verbo	determinante	substantivo	adjetivo / sintagma adjetival
literal	(1) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>complexo</i>	<i>cultural</i>
literal	(2) <i>construa</i>	<i>uma</i>	<i>usina</i>	<i>hidrelétrica</i>
metafórico	(5) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>organismo</i>	<i>humano</i>
metafórico	(7) <i>construir</i>	<i>uma</i>	<i>réplica</i>	<i>perfeita</i>
metafórico	(8) <i>construir</i>		<i>consensos</i>	<i>que não eliminem nossas diferenças</i>
metafórico	(10) <i>construir</i>	<i>uma</i>	<i>sociedade</i>	<i>livre, justa e soberana</i>
metafórico	(11) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>Brasil</i>	<i>efetivamente solidário e mais justo</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro permite inferir que a mesma sequência formal, extremamente comum no português, realiza estruturas conceptuais distintas. (2) “usina hidrelétrica” e (5) “organismo humano” instanciam processos diferentes daqueles observados em (7) “réplica perfeita” e (10) “sociedade livre, justa e soberana”. Nos dois primeiros casos, o adjetivo indica o tipo categorizador: usina do tipo hidrelétrico e organismo do tipo humano. Em (7), “perfeita” é a característica da réplica criada. Em (10), “livre, justa e soberana” descrever a modificação a ser sofrida por “Brasil”. Como o padrão ocorre tanto em usos literais quanto metafóricos, a metaforicidade não é um fator explicativo isolado. É preciso entender, então, qual é ou quais são as possíveis construções que o padrão realiza e como se dão as relações de uso a partir de um corpus suficientemente representativo do português brasileiro, de diferentes gêneros textuais em modalidades comparáveis.

3 Possíveis construções gramaticais com adjetivo

A Gramática de Construções modela as gramáticas das línguas humanas e seu papel na significação como uma rede de construções, estas definidas como pareamentos simbólicos de forma e significado, de diversos tamanhos e graus de complexidade, licenciados por esquemas cognitivos, os quais podem ser também de

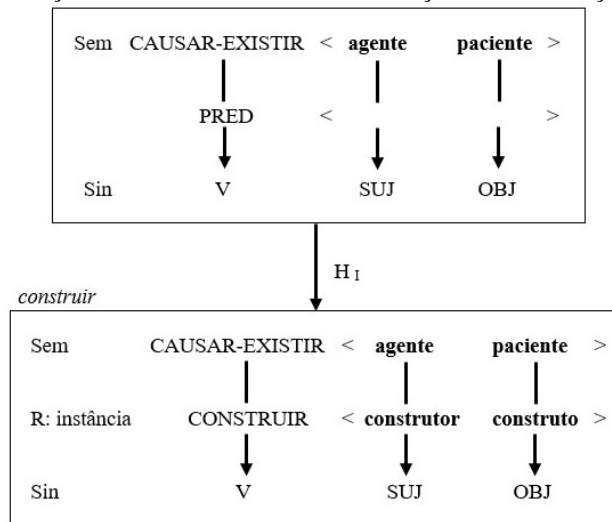
natureza metafórica (CROFT, 2007; FERRARI, 2011; GOLDBERG, 2006). As construções são idiomáticas na medida em que especificam sentidos não previsíveis a partir dos seus componentes, o que implica rejeitar o tratamento da gramática como uma combinação simbólica unicamente algorítmica. Nesse sentido, a construção pode ser inclusive um padrão semifixo, lexicalmente preenchido por um item específico. Uma das vantagens do modelo é postular que a própria construção traz significados distintos dos significados dos itens lexicais numa sentença, evitando a atribuição de sentidos implausíveis para os verbos (FERRARI, 2010). Na produção de sentido, itens lexicais e construções se inter-relacionam, de modo que a significação não é resultado exclusivo deste ou daquele.

Essa interação, para Goldberg (1995, 2006), parte distinção feita entre papéis argumentais e papéis participantes e é regida por princípios psicológicos linguístico-cognitivos. Os papéis participantes são os participantes relacionados ao frame evocado pelo verbo na sentença. Na notação da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), eles são indicados na linha R/PRED das caixas na Figura 1. Os itens lexicais relacionados a um frame o evocam a partir de perspectivas distintas da cena experiencial, perfilando (colocando em planos gestálticos de figura e fundo) certos aspectos ou elementos. O verbo *construir* evoca o frame CONSTRUIR, descrito anteriormente, e coloca em plano principal os elementos de frame CONSTRUTOR e CONSTRUTO.

Já os papéis argumentais são parte do significado da construção e representam os possíveis lugares estruturais previstos na construção, os quais podem ou não ser previstos pelo verbo. Análises de outros campos teóricos (AMARAL; CANÇADO, 2014) nos informam que *construir* tende a ser bieventivo e a ocorrer em contexto de transitividade, com argumento agente. Nos termos da Gramática de Construções, espera-se que *construir* ocorra com construções causativas. As causativas têm os papéis básicos de AGENTE e PACIENTE numa relação de CAUSAR-EXISTIR, indicados na linha

“Sem” na Figura 1. Esses papéis argumentais são realizados por funções gramaticais, especificadas na parte formal da construção, na linha “Sin”. As funções gramaticais da construção causativa são o V(erbo) predador *construir*; o SUJ(eito), que realiza o AGENTE; e o OBJ(eto), ligado ao PACIENTE.

Figura 1 – Construção transitiva causativa e herança de instanciação com *construir*.



Fonte: figura elaborada pelo autor.

O processo de “fusão” de um verbo a uma construção se refere ao atendimento mútuo e simultâneo de restrições semânticas entre papéis participantes e argumentais. Os papéis são compatíveis para fusão quando um pode ser categorizado como instância do outro e vice-versa (“princípio de coerência semântica”)⁴. O verbo *construir*, ao fundir-se com a construção causativa, especificaria a construção por instanciação, o que é indicado por H_1 na linha que liga as caixas na Figura 1. Logo, a frase inventada “Os pedreiros construíram a casa bem rápido” seria gerada pela fusão entre a construção causativa e o frame CONSTRUIR, tendo o verbo *construir* na relação

⁴ Na Figura 1, o princípio de coerência é representado graficamente pela linha vertical negrita entre a linha Sem e a linha R. Se o papel for contribuição da construção, mas não do verbo, a linha é pontilhada. Os papéis colocados em posição de figura são marcados pelo negrito nas glosas, deixando sem negrito os não perfilados. A linha R serve para indicar qual o tipo de relação que o verbo estabelece para integrar-se à construção.

de predicador; o CONSTRUTOR “Os pedreiros” como sujeito fundido ao papel argumental AGENTE; e o CONSTRUTO “a casa” como objeto fundido ao papel PACIENTE.

Assumindo essa visão de gramática, existem duas alternativas teóricas principais para descrever o que o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] realiza. A primeira possibilidade é afirmar que *construir* se funde a uma construção causativa e que o padrão realiza o objeto do verbo, com adjunção incidindo sobre o objeto. Isto é, o objeto é realizado por outra construção que forma um sintagma nominal. Essa interpretação está graficamente representada na caixa superior da Figura 2, adiante, e correspondente a análises possíveis dos exemplos (12) e (13):

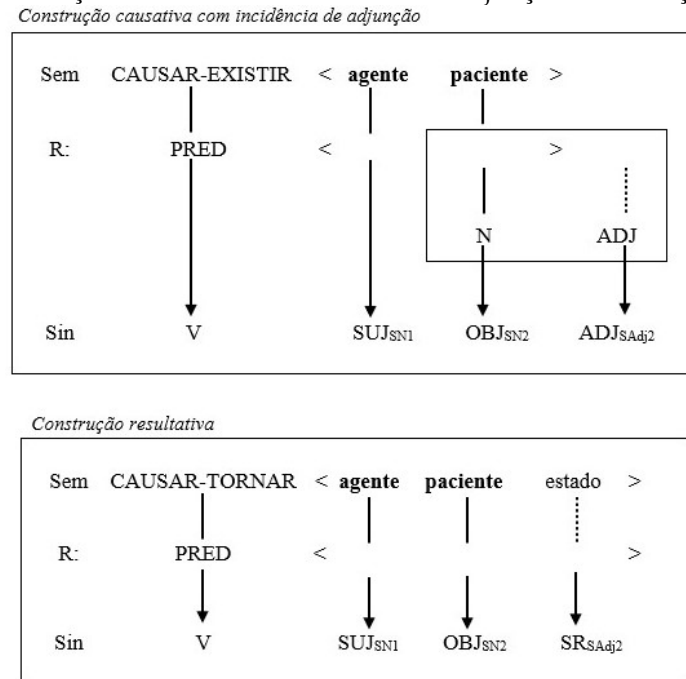
(12) “... as eleições não podem terminar com a celebração dos vencedores e o desânimo dos vencidos, mas, sim, com a renovação da confiança de todos, irmanados pela vontade de *construir* [[um País_N] [melhor, mais justo e mais feliz_{ADJ}] OBJ].” (Fernando Collor, 1990)

(13) “Chega de construir [[escolas_N] [faraônicas_{ADJ}] OBJ] e depois enchê-las de professores mal pagos e mal preparados, junto com estudantes desmotivados e sem condições materiais e psicológicas para terem um bom aproveitamento.” (Fernando Henrique Cardoso, 1995)

Nesse raciocínio, os ADJ “melhor, mais justo e mais feliz” e “faraônicas” nos exemplos instanciam o elemento DESCRIÇÃO do frame CONSTRUIR, de maneira que tanto o enunciado metafórico (12) quanto o enunciado literal (13) vêm da mesma construção gramatical. A interpretação de que o trecho (12) expressa a metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR ocorreria em outro plano conceptual. Seria a partir do conhecimento evocado pelo verbo e pelos demais itens lexicais que ocupam as posições de predicador (“construir”), de CONSTRUTO (“um País”) e DESCRIÇÃO (“melhor, mais justo e mais feliz”), os quais o falante categoriza em domínios

conceptuais e temporais distintos⁵. Assim, nessa explicação, a construção participa da metáfora de maneira delimitada. A construção organiza gramaticalmente os participantes da metáfora, mas a indicação de que o ADJ (“melhor, mais justo e mais feliz”) é resultado de uma transformação não está presente na construção em si.

Figura 2 – Construção causativa com incidência de adjunção e construção resultativa.



Fonte: figura elaborada pelo autor.

A segunda explicação possível é afirmar que o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode realizar duas construções. A primeira seria a construção causativa com incidência de adjunção descrita até o momento, correspondente aos usos literais e metafóricos em que o adjetivo não indica resultado de modificação, como em “construir uma casa nova”, “construir escolas faraônicas” e “construir um organismo humano”. Por sua vez, expressões metafóricas de MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, como “construir um País melhor”, seriam estruturadas por

⁵ O que caracteriza uma metáfora é justamente o fato de os falantes categorizarem esses elementos em domínios conceito-experienciais distintos e realizarem mapeamentos e projeções entre eles.

uma construção resultativa ou análoga à resultativa, que está graficamente representada na caixa inferior da Figura 2. As construções resultativas tradicionalmente se caracterizam por ter os papéis argumentais de AGENTE, PACIENTE e ESTADO, numa relação em que o AGENTE causa o PACIENTE a adquirir determinado ESTADO. Esses papéis argumentais, indicados na linha “Sem”, são realizados respectivamente pelas funções gramaticais sujeito, objeto e sintagma resultativo, indicados na linha “Sin”.

Com isso, a análise do exemplo (12) seria refeita na forma (12') a seguir. “Um País” passa a ser o objeto, que realiza o papel participante CONSTRUTO e o papel argumental PACIENTE. “Melhor, mais justo e mais feliz” passa a ser um sintagma resultativo, que realiza o papel participante DESCRIÇÃO e o papel argumental ESTADO. Nessa segunda explicação, a construção não só organiza gramaticalmente os participantes da metáfora, mas também indica que o adjetivo ou sintagma adjetival deve ser interpretado como resultado de transformação. A construção gramatical e os processos conceptuais metafóricos evocados pelos itens lexicais forneceriam informação dupla na metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR. Já os enunciados literais e os metafóricos do tipo CRIAR É CONSTRUIR seriam estruturados por construções causativas.

(12') “... as eleições não podem terminar com a celebração dos vencedores e o desânimo dos vencidos, mas, sim, com a renovação da confiança de todos, irmanados pela vontade de *construir* [um País OBJ] [melhor, mais justo e mais feliz SR].”

No entanto, existe um longo debate em várias correntes teóricas dos estudos sintáticos (por exemplo, FOLTRAN, 1999; LOBATO, 2004; MARCELINO; OLIVEIRA, 2015; RECH, 2007; RIBEIRO, 2015) sobre a existência de construções resultativas no português brasileiro. O que chamei de construção resultativa parece ser o que se chama de “falsa resultativa”, pois as “resultativas verdadeiras” semelhantes às encontradas

em outras línguas, como o inglês, têm baixa aceitabilidade por falantes do português brasileiro (MARCELINO; OLIVEIRA, 2015; RIBEIRO, 2015). Estabelecer ou rejeitar a existência dessa construção tal qual descrita pelos autores extrapola meu objetivo neste artigo. Os enunciados analisados aqui são ocorrências autênticas do português brasileiro atestadas em corpus, portanto, sua aceitabilidade não está em questão. As possíveis explicações dadas para as estruturas gramaticais dos usos reais de *construir* dependem, é claro, da existência das construções apresentadas, mesmo que uma delas não seja denominada “resultativa”.

Qualquer que seja a explicação que se prove adequada no futuro, a Gramática de Construções permite afirmar que ocorrências literais e metafóricas de *construir* com o bloco [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] têm o caráter de padrão construcional semifixo. Por terem a mesma sequência formal, a distinção entre os usos tende a ser feita observando como se interpreta e emprega o adjetivo presente ali. Em modelos baseados no uso, a repetição tem papel importante na convencionalização de sequências gramaticais (BYBEE, 2013). Analisar a frequência de uso pode dar indícios da estrutura linguística e, por conseguinte, de processos conceituais. Este estudo se valeu de algumas ferramentas básicas da Linguística de Corpus para verificar de maneira exploratória a frequência das expressões literais e metafóricas do verbo *construir* com a sequência formal; do valor do adjetivo no enunciado e das correlações com situações de uso.

4 Procedimentos metodológicos para levantamento em corpus

Stefanowitsch e Gries (2003, 2009) argumentaram que, ao tratar a construção como todo estruturado, com graus de idiomaticidade, a Gramática de Construções aproximou a análise da gramática ao estudo do léxico. Conseqüentemente, a gramática se tornou mais acessível à investigação com os recursos de que a Linguística de Corpus dispõe. O uso de linguagem de consulta em corpus (*corpus query language*, CQL) e de

expressões regulares permite buscar sequências definidas com um lema e ainda eliminar construções intervenientes ou palavras gramaticais que não sejam diretamente relevantes para a análise. Cognitivamente, a frequência de token pode informar estudos sobre o grau de entrenchamento (GRIES, 2012) de um mapeamento metafórico ou de motivação do gênero textual e da situação para a metáfora e para a fusão de um verbo a uma construção.

O Corpus Brasileiro (SARDINHA, 2014; SARDINHA *et al.*, 2010) corresponde às possibilidades e às necessidades por ser um corpus de referência do português brasileiro, estar lematizado e etiquetado por classe de palavra e conter aproximadamente 871 mil palavras, 1,1 bilhão de tokens e 3,6 milhões de lemas. O Corpus Brasileiro está disponível na plataforma e ferramenta multicorpora privada SketchEngine (LEXICAL COMPUTING, 2019) e integra majoritariamente textos escritos (92,4%), divididos em cinco subcorpora de temas políticos, jornalísticos, acadêmicos, literários e religiosos. A pesquisa se restringiu aos subcorpora político, jornalístico e acadêmico. Os textos literários e religiosos não foram investigados porque cada um corresponde a menos de 1% do Corpus Brasileiro, o que viesaria a comparação com as demais seções. Além disso, embora o “impulso alegórico” humano (GIBBS JR, 2011) possa se expressar quotidianamente em várias situações (GIBBS JR; OKONSKI, 2018), textos literários e religiosos parecem ter maior probabilidade *a priori* de operar no campo da alegoria, o que acrescentaria um plano de análise fora do objetivo exploratório do estudo.

Nesse escopo, o primeiro procedimento foi levantar as frequências absoluta e normalizada do verbo *construir* em cada segmento do Corpus Brasileiro, usando o comando de CQL [lemma="construir"] na aba “Concordance” da plataforma SketchEngine. A etapa seguinte consistiu da elaboração de uma linha de consulta CQL precisa, correspondente ao padrão de classes de palavra que realiza as funções gramaticais das construções abordadas na seção anterior deste artigo. Cada classe de

palavra das funções foi codificada para gerar a CQL obedecendo ao conjunto de etiquetas (*tagset*) do Corpus Brasileiro no SketchEngine (JAKUBÍČEK *et al.*, 2010), como mostrado no Quadro 2. Observe-se que esse comando CQL busca ocorrências apenas com o verbo *construir*; sem especificação do sujeito; com ou sem determinante antes do substantivo; e exclui os casos de sintagmas oracionais na função de adjunto (ADJ) ou sintagma resultativo (SR).

Quadro 2 – Linha de comando CQL usada para busca do padrão com construir.

Função gramatical	Exemplo de uso	Classes de palavra correspondentes		Codificação CQL
V	<i>construir</i>	verbo	→	[lemma="construir"&tag="V"]
OBJ	<i>um</i>	determinante	→	[tag="DET"]?
	<i>país</i>	substantivo	→	[tag="NOM"]
ADJ / SR	<i>melhor</i>	adjetivo	→	[tag="ADJ"]
Linha de comando completa: [lemma="construir"&tag="V"][tag="DET"]?[tag="NOM"][tag="ADJ"]				

Fonte: elaborado pelo autor.

A linha de comando CQL completa foi utilizada para levantar as frequências absoluta e normalizada de *construir* com o padrão gramatical nos subcorpora acadêmico, jornalístico e político. Como será mostrado na seção 5, o número absoluto de ocorrências dessa etapa foi alto, inviabilizando uma inspeção humana completa. A decisão tomada foi obter amostras aleatórias pequenas, de 50 ocorrências do alvo, em cada subcorpus, utilizando as ferramentas disponíveis no SketchEngine⁶. As amostras

⁶ Recentemente, o SketchEngine introduziu recursos que visam a reprodutibilidade das pesquisas com amostras aleatórias. Ao solicitar uma amostra aleatória, o usuário recebe uma explicação sobre amostragens seguida do aviso: "Uma amostra aleatória com o mesmo número de linhas geradas a partir da mesma concordância sempre produzirá exatamente as mesmas linhas de concordância. Esse comportamento é intencional, para que diferentes usuários (p. ex. alunos) possam seguir os mesmos passos e chegar ao mesmo resultado. Para gerar uma amostra diferente, um número diferente deve ser usado. Estabelecer o valor para 201 ao invés de 200 gerará uma amostra completamente diferente." (LEXICAL COMPUTING, 2019, tradução minha).

de cada subcorpus foram salvas em planilhas de formato .xls e anotadas manualmente com base em critérios binários: (a) se a expressão era literal ou metafórica; e (b) se o adjetivo podia ou não ser semanticamente interpretado como resultado da transformação do objeto.

Realizada a leitura e análise das linhas de ocorrência, os dados foram quantificados. Os números foram tabulados e a tabulação foi usada para gerar gráficos comparativos. Usando a calculadora online UCREL (HARDIE, s.d.), a significância estatística foi medida por meio do teste exato de Fisher. Ao contrário do teste χ^2 (qui-quadrado), o teste de Fisher é exato por não recorrer a uma tabela de referência para afirmar a significância. Para Stefanowitsch e Gries (2003), por ser menos suscetível a células com baixa frequência numa tabela de contingência, o teste abarca uma gama maior de resultados, sendo que o valor p não deve ser considerado em termos absolutos, mas como indicador da importância relativa. Então, os dados foram reunidos e interpretados em vistas do objetivo do estudo.

5 Correlações de uso do padrão com o verbo *construir*

Ao seguir esses passos, verifiquei que, no Corpus Brasileiro, o verbo *construir* tem frequência absoluta maior no subcorpus acadêmico (N=41.231) do que nos subcorpora jornalístico (N=14.809) e político (N=9.979). As frequências absolutas e normalizadas por milhão dadas pelo SketchEngine estão dispostas na Tabela 1. A ordem decrescente de frequência absoluta do item lexical nos subcorpora é idêntica à ordem decrescente de tamanho dos subcorpora do Corpus Brasileiro: acadêmico (53,23%); jornalístico (23,45%) e político (7,64%). Porém, a frequência normalizada por milhão evidencia o uso acentuado do verbo *construir* nos gêneros textuais-discursivos da esfera política, evidenciando algumas observações feitas na seção 2 sobre o domínio CONSTRUÇÃO.

Tabela 1 – Frequência absoluta e normalizada do verbo *construir* em cada subcorpus.

Frequência \ Subcorpus	Político	Acadêmico	Jornalístico
Absoluta	9.979	41.231	14.809
Normalizada (milhão)	115	68	56

Fonte: elaborada pelo autor com os resultados dados pela ferramenta SketchEngine para a busca com a CQL [lemma="construir"].

A linha de CQL completa foi aplicada a cada subcorpus para verificar as frequências do verbo com o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo]. Os resultados dessa segunda etapa refletem parcialmente a busca geral pelo verbo no Corpus Brasileiro. Por frequência normalizada, o padrão gramatical alvo com *construir* ocorre mais no subcorpus político (NN=14) do que no acadêmico (NN=7) e no jornalístico (NN=5), como a Tabela 2 permite verificar. Isso significa que, dos usos gerais do verbo *construir*, 12,5% no subcorpus político, 10,2% no acadêmico e 8,8% no jornalístico têm exatamente o padrão buscado, que é restritivo e elimina estruturas intervenientes. Esses dados também permitem supor que o ambiente político favorece a evocação do domínio de CONSTRUÇÃO e CONSTRUIR, reforçando a percepção de que o domínio é ligado às relações sociais complexas e a bens coletivamente almejados.

Tabela 2 – Frequência absoluta e normalizada do padrão gramatical com *construir*.

Frequência \ Subcorpus	Político	Acadêmico	Jornalístico
Absoluta	1.250	4.206	1.318
Normalizada (milhão)	14	7	5

Fonte: elaborada pelo autor com os resultados dados pela ferramenta SketchEngine para a busca com o comando CQL completo.

Quantos desses usos são metafóricos e em quantos o adjetivo é semanticamente resultativo? As amostras aleatórias de 50 linhas de concordância para cada subcorpus foram anotadas em planilhas .xls primeiramente por metaforicidade (se o enunciado

era literal ou metafórico). A distinção foi feita considerando se os elementos na posição de objeto podem ser categorizados estritamente fora ou dentro do domínio de construção, como apresentei anteriormente. Exemplos de ocorrências consideradas literais incluem “construir um assentamento judaico” e “construirmos escolas novas”; enquanto as metafóricas englobam “construir esse tempo novo” e “parasse de construir labirintos conceituais”.

Os resultados do levantamento de metaforicidade atenuam de alguma forma as suposições feitas até agora. Das 150 linhas de concordância analisadas, 114 ocorrências foram classificadas como metafóricas e 36 como literais, o que equivale a 76% de enunciados metafóricos e 24% literais. O subcorpus com a maior presença de ocorrências metafóricas⁷ foi o de textos acadêmicos (86%; N=43), seguido dos políticos (76%; N=38) e dos jornalísticos (66%; N=33), como se depreende da Tabela 3. O gênero textual-discursivo se mostrou um fator relativamente significativo para a proporção de uso metafórico ou não, pois os dados da Tabela 3 submetidos ao teste exato de Fisher apresentaram $p=0,07562574$.

Tabela 3 – Distribuição de metaforicidade de *construir* com o padrão por subcorpus.

Subcorpus Metaforicidade	Político	Acadêmico	Jornalístico
Metafórico	38 (76%)	43 (86%)	33 (66%)
Literal	12 (24%)	7 (14%)	17 (34%)

Fonte: elaborada pelo autor com resultados da anotação de metaforicidade nas amostras do corpus com a linha de comando CQL completa. Em parênteses, encontra-se a porcentagem das ocorrências.

Na etapa seguinte, as amostras foram anotadas considerando se o adjetivo da construção poderia ou não ser interpretado como indicando a transformação de uma característica do CONSTRUTO. “[V]ão construir um mundo novo” e “construiu um país

⁷ Os dados foram analisados e tabulados sem necessidade de normalização, porque as amostras aleatórias de cada subcorpus tinham todas o mesmo tamanho (cinquenta linhas de concordância).

grande” ilustram ocorrências classificadas como resultativas, enquanto “construir um avião comercial” e “construir vantagem competitiva” como não resultativas. Note-se que, quando o adjetivo indica transformação, está teoricamente pressuposta a metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, porque, como afirmei anteriormente, a expectativa de nível básico é o verbo *construir* evocar um esquema de causatividade mais diretamente afinado com metáforas do tipo CRIAR É CONSTRUIR e RELACIONAR É CONSTRUIR. Conseqüentemente, havendo duas construções para explicar o padrão, se o adjetivo é “não resultativo”, a construção correspondente será a causativa.

Das 150 ocorrências analisadas, o adjetivo foi tratado como “resultativo” em 40 delas e como “não resultativo” em 110, o que equivale a 26,7% de adjetivos “resultativos” e 73,3% “não resultativos”. O subcorpus com a maior presença de adjetivos interpretados como resultativos foi o político (38%; N=19), uma vez que nos outros dois subcorpora os resultados foram próximos, respectivamente 20% (N=10) no acadêmico e 22% (N=11) no jornalístico, como se infere da Tabela 4. A significância desses dados segundo o teste exato de Fisher é de $p=0,09599225$.

Tabela 4 – Distribuição de resultatividade do adjetivo no padrão com *construir*.

Subcorpus Resultatividade	Político	Acadêmico	Jornalístico
Resultativo	19 (38%)	10 (20%)	11 (22%)
Não resultativo	31 (62%)	40 (80%)	39 (78%)

Fonte: elaborada pelo autor com resultados da anotação de resultatividade nas amostras. Números em parênteses são a porcentagem das ocorrências no subcorpus.

Ficam mais claras as questões de significado construcional envolvidas nos usos metafóricos e não metafóricos de *construir* com o padrão gramatical se combinamos os dois achados anteriores. A Tabela 5 abaixo apresenta a correlação da contagem de ocorrências com base nas informações linguístico-cognitivas (“variáveis internas”) e no gênero textual-discursivo (“variáveis externas”), seguidos de exemplo prototípico

em cada caso. A proporção dos cruzamentos dessas características em cada subcorpus é mais bem visualizada no Gráfico 1. A significância estatística desse cruzamento não pôde ser medida, porque a calculadora UCREL (HARDIE, s.d.) não responde a dados com uma linha ou coluna inteira de 0 ocorrências, pois a realização do teste exato de Fisher depende da existência de observações válidas para cada grupo – e aqui não há observações consideradas válidas para um deles.

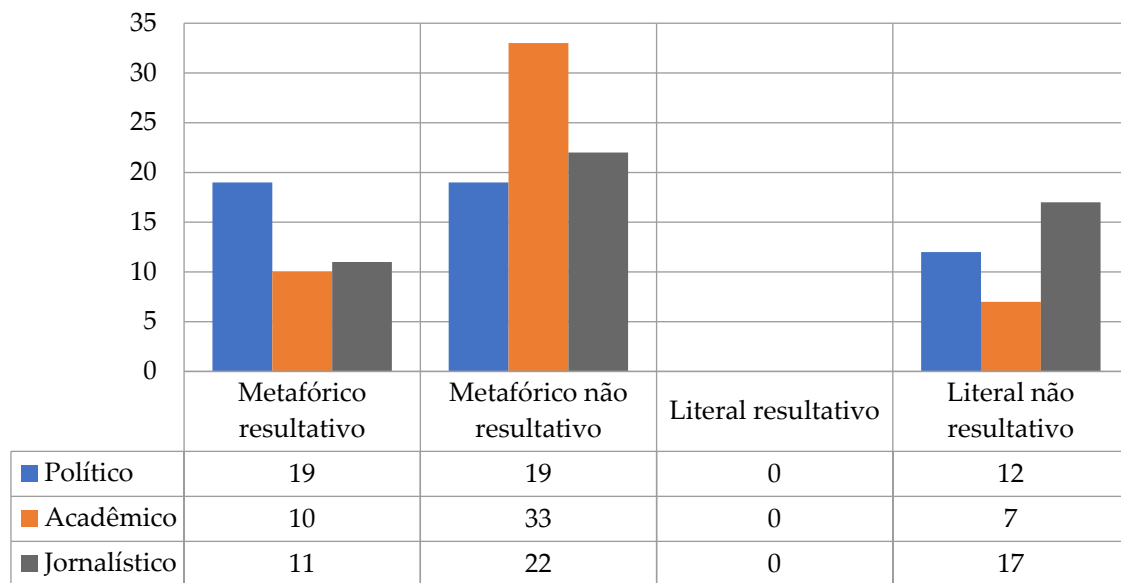
Tabela 5 – Correlação entre metaforicidade de *construir*, resultatividade do adjetivo e subcorpus

Variáveis internas		Variáveis externas			Exemplos prototípicos
Metaforicidade	Resultatividade	Político	Acadêmico	Jornalístico	
Metafórico	Resultativo	19 (38%)	10 (20%)	11 (22%)	<i>construir um país melhor</i> (MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR)
	Não resultativo	19 (38%)	33 (66%)	22 (44%)	<i>construir um organismo humano</i> (CRIAR É CONSTRUIR)
Literal	Resultativo	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	–
	Não resultativo	12 (24%)	7 (14%)	17 (34%)	<i>construir uma escola nova</i>

Fonte: elaborada pelo autor com resultados das anotações de metaforicidade e resultatividade do adjetivo nas amostras. Números em parênteses são a porcentagem das ocorrências no subcorpus.

Salientam-se as diferenças de proporção dos usos de *construir* com o padrão construcional nos contextos representados pelos gêneros textuais-discursivos dos subcorpora. O verbo se funde à(s) construção(ões) com adjetivo de valor resultativo com mais frequência no subcorpus político (38%) do que nos subcorpora acadêmico (20%) e jornalístico (22%). Esse uso se refere a instâncias da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, como “podemos efetivamente construir um mundo melhor”. Por isso sua prevalência no discurso político não surpreende, pois, de longa data, a sociologia argumenta que poder e ser capaz de transformar a realidade estão no coração da vida política coletiva (ARENDDT, 1958; GEUSS, 2010).

Gráfico 1 – Proporções entre metafóricidade de construir, resultatividade do adjetivo e subcorpus.



Fonte: elaborado pelo autor.

Já os usos metafóricos não resultativos são relativos às metáforas RELACIONAR É CONSTRUIR (“construir relacionamentos amorosos”) e CRIAR É CONSTRUIR (“construir modelos empíricos”), nos quais *construir* é evocado causativamente. Eles foram mais prevalentes no subcorpus acadêmico (66%) do que nos subcorpora jornalístico (44%) e político (38%), o que se explica pelos CONSTRUTOS serem discutivelmente mais abstratos em textos acadêmicos, requerendo metaforização como recurso conceptualizador: “proposta interdisciplinar”, “identidade nacional”, “moral completa”, “modelos matemáticos” entre outros. Isso se adiciona ao senso comum de que os discursos acadêmicos e jornalísticos devam ser mais explícitos sobre a causação de eventos e sobre a definição de sobre o quê se age, de modo que a construção causativa usada nessas ocorrências está em sintonia com a metáfora empregada. Por sua vez, os usos literais não resultativos (“construir o porto interno de Suape”, “construir trecho novo de 50 km”) se valem do frame CONSTRUIR em nível básico e são mais frequentes nos textos jornalísticos (34%) e políticos (24%) do que nos acadêmicos (14%).

Importante destacar que não encontrei nos dados ocorrências de *construir* que pudessem ser qualificadas como “literais” nas quais o adjetivo indique resultatividade

semântica. Por exemplo, se digo “construir uma escola nova”, *nova* não é interpretado como a característica adquirida pela escola devido a uma transformação causada pelo AGENTE / CONSTRUTOR. Por quê? Os usos literais de *construir* evocam o domínio de CONSTRUIR em nível básico de causatividade, que é incompatível com a resultatividade tanto da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR quanto de uma construção resultativa (cf. as diferenças nas linhas “Sem” das caixas nas Figuras 1 e 2). Embora tenha apenas a ausência de evidência e não a evidência de ausência, pressuponho que haja restrições cognitivas que inviabilizam esse tipo de ocorrência de modo geral. Esse conjunto de dados traz indicações sobre o papel da construção gramatical na metáfora e sobre eventuais perguntas ao conhecimento existente.

6 Considerações finais

O verbo *construir* fundido ao padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode estar relacionado a uma ou duas construções gramaticais, dependendo se se admite a existência de construções causativas e resultativas ou apenas de causativas, para instanciar enunciados literais e metafóricos. Argumentei acima que essas ocorrências estão num gradiente que vai da evocação literal do frame CONSTRUIR até a metaforicidade respectivamente crescente de CRIAR É CONSTRUIR, RELACIONAR É CONSTRUIR e MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR. Nesse sentido, observe-se que as expressões metafóricas exibem o mesmo caráter idiomático de semifixidez postulado para as construções gramaticais. Essa característica incorpora a expectativa de uso em determinados contextos, como atestam as proporções de ocorrência nos diferentes gêneros textuais-discursivos nos subcorpora do Corpus Brasileiro. Por exemplo, o padrão “construir um [X] melhor” se associa mnemonicamente ao contexto político.

Se um mesmo padrão construcional realiza estruturações conceituais distintas, uma das problemáticas que orientou o estudo foi como o adjetivo presente na construção é interpretado. Não foram encontradas ocorrências literais de *construir*

naquele padrão com adjetivos de semântica resultativa ou com adjetivos que instanciam parte de uma construção resultativa. Esse uso parece ser impossibilitado por restrições semânticas mútuas. Os demais usos literais de *construir* e as metáforas CRIAR É CONSTRUIR e RELACIONAR É CONSTRUIR são fundidas a construções causativas com adjunção incidindo sobre o objeto. O caso complexo é o da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, em que o ADJ pode ser explicado como elemento de uma construção resultativa à qual a metáfora se funde ou como sendo uma adjunção de uma construção causativa. Aceita apenas a existência da construção causativa, uma alternativa é postular que apenas a metáfora indica ao falante como o adjetivo deve ser interpretado nessas situações, limitando o papel da construção nisso. Esta é uma pergunta em aberto e os dados não permitem afirmar nenhuma das opções.

Por outro lado, os dados são coerentes com as duas principais teses propostas por Sullivan (2013) sobre a relação entre construções gramaticais e metáforas. Segundo a autora, “as palavras devem ocorrer em um contexto gramatical específico a fim de serem interpretadas metaforicamente” (SULLIVAN, 2013, p. 3, tradução minha), haja vista que as “construções contingenciam quais palavras nesses sintagmas ou orações podem vir do domínio fonte de uma dada metáfora, e quais do domínio alvo da metáfora” (*ibidem*, p. 6, tradução minha). O verbo *construir* serve como evocador do domínio fonte, enquanto os adjetivos encontrados neste estudo se restringem ao domínio alvo da metáfora e sua importância está em permitir aos falantes conceptualizar mudanças enquanto construções e enfatizar avaliações do CONSTRUTO direcionando a atenção dos interlocutores nas ações conjuntas. No entanto, as lacunas explicativas que apresentei anteriormente permitem inferir que a relação entre metáfora e construção é menos trivial do que as teses de Sullivan (2013) dão a entender à primeira vista.

Apesar de as interpretações apresentadas serem de natureza empírica e virem de usos autênticos do português, elas se limitam a um método dependente da

introspecção de um único avaliador (*single rater*) sobre amostras pequenas extraídas de gêneros textuais-discursivos formais escritos, por isso, reafirmo que o estudo teve um caráter exploratório e que os seus resultados ensejam pesquisas complementares. Nesse sentido, a literatura ainda carece de mais estudos robustos sobre a interação entre metáforas e construções e sobre os limites dessa interação. Como se pressupõe que ambas têm realidade cognitiva, estudos experimentais também serão importantes para esclarecer *como* se processa a interação entre elas na produção e na recepção.

Agradecimentos

Sou grato à Sueli Maria Coelho e à Heliana Ribeiro de Mello pelos comentários sobre minhas primeiras pesquisas no assunto. Agradeço à Lacey Okonski pelo *feedback* valioso sobre uma versão anterior deste artigo. Mesmo que os dados e o texto tenham sido totalmente revisados e aumentados depois desses comentários, é válido o aviso costumeiro de que o estudo é da minha inteira responsabilidade. Devo também agradecimento ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) pelos afastamentos remunerados em que fiz a pesquisa e escrevi o texto (Processos nº 23503.000753/2018-97 e n.º 23503.000948/2018-37).

Referências Bibliográficas

AMARAL, L. L.; CANÇADO, M. Verbos de criação do português brasileiro: classificação e representação lexical. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 51-73, 2014.

ARENDT, H. **The human condition**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 52-66. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0004>

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. DOI <https://doi.org/10.1057/9780230000612>

CHILTON, P. **Security metaphors: Cold War discourse from containment to common house**. New York: Peter Lang, 1996.

COSTA, V. C. **A palavra Brasil em discursos de posse presidencial da Nova República: panorama sociocognitivo (1990-2011)**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras; Teoria literária e crítica da cultura) – Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, 2015. DOI <https://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.27541.78561>

COSTA, V. C. A cultura das metáforas e frames de construção em discursos de posse presidencial brasileiros. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO*, 6., 2017, Salvador. **Caderno de Resumos do [...]**. Salvador: UESB, UFBA, UNEB, 2017, p. 35.

CROFT, W. Construction Grammar. *In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. *In: HOGAN, P. (ed.). The Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-11.

DEIGNAN, A. A gramática das metáforas linguísticas. *In: SHEPHERD, T.; SARDINHA, T. B.; PINTO, M. V. (org.). Caminhos da Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 65-86.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 149-165, 2010.

FOLTRAN, M. **As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos**. 1999. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GEUSS, R. **Politics and imagination**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

GIBBS JR, R. The allegorical impulse. **Metaphor and Symbol**, v. 26, n. 2, p. 121-130, 2011. DOI <https://doi.org/10.1080/10508406.2011.556498>

GIBBS JR, R.; OKONSKI, L. Cognitive poetics of allegorical experience. *In*: CSÁBI, S. (ed.). **Expressive minds and artistic creations: studies in Cognitive Poetics**. New York: Oxford University Press, 2018. p. 33-53. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780190457747.003.0003>

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GRIES, S. Corpus Linguistics, theoretical linguistics, and cognitive / psycholinguistics: towards more and more fruitful exchanges. *In*: MURKHERJEE, J.; HUBER, M. (ed.). **Corpus Linguistics and variation in English**. Amsterdam: Rodolpi, 2012. p. 41-63. DOI https://doi.org/10.1163/9789401207713_006

HARDIE, A. **UCREL Significance Test System**. Disponível em: <http://corpora.lancs.ac.uk/sigtest/>. Acesso em: maio 2019.

HELLÍN-GARCÍA, M. J. Legitimization and delegitimization strategies on terrorism: a corpus-based analysis of building metaphors. **Pragmatics**, v. 23, n. 2, p. 301-330, 2013. DOI <https://doi.org/10.1075/prag.23.2.05hel>

JAKUBÍČEK, M.; KILGARRIFF, A.; MCCARTHY, D.; RYCHLÝ, P. Fast syntactic searching in very large corpora for many languages. *In*: PACIFIC ASIA CONFERENCE ON LANGUAGE, INFORMATION AND COMPUTATION, 24, 2010. Sendai. **Proceedings of the [...]**. [s.l.]: Institute of Digital Enhancement of Cognitive Processing, Waseda University, 2010. p. 741-747. Disponível em: <https://www.aclweb.org/anthology/Y10-1086>. Acesso em: dez. 2018.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, v. 28, n. 2, p. 321-347, 2017. DOI <https://doi.org/10.1515/cog-2016-0052>

KÖVECSES, Z. **Metaphor: an introduction**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LEDERER, J. Lexico-grammatical alignment in metaphor construal. **Cognitive Linguistics**, v. 30, n. 1, p. 165-203, 2019. DOI <https://doi.org/10.1515/cog-2017-0135>

LEXICAL COMPUTING. **SketchEngine**. Plataforma multicorpora e ferramenta de análise de textos. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>. Acesso em: maio 2019.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? *In*: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (org.). **Sentido e Significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-179.

LU, L.W.; AHRENS, K. Ideological influence on BUILDING metaphors in Taiwanese presidential speeches. **Discourse and Society**, v. 19, n. 3, p. 383-408, 2008. DOI <https://doi.org/10.1177/0957926508088966>

MARCELINO, M.; OLIVEIRA, C. S. F. A construção resultativa verdadeira em português brasileiro. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 47, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i47.40>

RECH, N. A formação de construções resultativas no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 79-100, 2007. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v49i1.8637248>

RIBEIRO, R. M. P. As construções resultativas nas línguas românicas: um estudo com base na Gramática Cognitiva de Construções. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 95-113, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.20.2.95-113>

SARDINHA, T. B. Looking at collocations in Brazilian Portuguese through the Brazilian Corpus. *In*: SARDINHA, T. B.; FERREIRA, T. (ed.). **Working with Portuguese Corpora**. London: Bloomsbury, 2014, p. 9-32.

SARDINHA, T. B.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBER, E. **Manual do Corpus Brasileiro**. São Paulo: Fapesp, 2010. Disponível em: www.linguateca.pt/Repositorio/manual_cb.pdf . Acesso em: 25 nov. 2019.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Collostructions: investigating the interaction of words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 8, n. 2, p. 209-243, 2003. DOI <https://doi.org/10.1075/ijcl.8.2.03ste>

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Corpora and grammar. *In*: LÜDELING, A.; KYTÖ, M. (ed.). **Corpus Linguistics: an international handbook**. v. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 2009, p. 27-51. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110213881.2>

SULLIVAN, K. **Frames and constructions in metaphoric language**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.14>

Artigo recebido em: 31.10.2020

Artigo aprovado em: 05.12.2020